

# VERSÃO BETA

Sob o signo da palavra

ISSN 1677-2016

QUALIS B5

ANO X – abr-jun – 2012

71



VELHAS NOVAS PRÁTICAS DE LEITURA:  
ALGUMAS REPRESENTAÇÕES CONTEMPORÂNEAS  
DOS LEITORES BRASILEIROS

Luzmara Curcino [org]



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

REITOR

Targino de Araújo Filho

DIRETORA DO CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS  
Wanda Aparecida Machado Hoffmann

PROFESSORES DO DEPARTAMENTO DE LETRAS

Ariane Di Felippo - arianidf@uol.com.br  
Camila Höfling - chofling@uol.com.br  
Carla Alexandra Ferreira - rucarla@uol.com.br  
Carlos Félix Piovezani Filho - cpiovezani@hotmail.com  
Cristine Gorski Severo - crigsorski@gmail.com  
Dirceu Cleber Conde - cleberconde2@gmail.com  
Edna Parra Cândido - ednaparra@uol.com.br  
Eliane Hércules Augusto-Navarro - eaugustonavarro@gmail.com  
Fernanda dos Santos Castelano Rodrigues - fecastel@usp.br  
Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale - fbmhvale@gmail.com  
Gladis Maria de Barcellos Almeida - gladis.mba@gmail.com  
Irene Zanette de Castañeda - irene@power.ufscar.br  
Jorge Vicente Valentim - superprofessor@uol.com.br  
Joyce Rodrigues Ferraz Infante - ferrazrj@uol.com.br  
Luciana Salgado - luciana@confraria de textos.com.br  
Luzmara Curcino Ferreira - luzcf@hotmail.com  
Maria Isabel de Moura - marisabel@terra.com.br  
Maria Sílvia Cintra Martins - msilviamart@yahoo.com.br  
Marília Blundi Onofre - blundi@uol.com.br  
Mônica Baltazar Diniz Signori - emesignori@hotmail.com  
Nelson Viana - nlsviana@power.ufscar.br  
Oto Araújo Vale - otovale@power.ufscar.br  
Rejane Cristina Rocha - r2cris@yahoo.com.br  
Rita de Cássia Barbirato Thomaz de Moraes - ritabarbi@power.ufscar.br  
Roberto Carlos de Andrade - rc.andrade1964@bol.com.br  
Roberto Leiser Baronas - baronas@uol.com.br  
Rosa Yokota - rosayokota@yahoo.com.br  
Sandra Regina Buttros Gattolin de Paula - sandra\_gattolin@yahoo.com.br  
Soeli Maria Schreiber da Silva - xoila@terra.com.br  
Tânia Pellegrini - tpelleg@uol.com.br  
Valdemir Miotello - miotello@terra.com.br  
Vanice Maria Oliveira Sargentini - sargentini@uol.com.br  
Wilson Alves-Bezerra - wilson\_alves@yahoo.com  
Wilton José Marques - willjm@uol.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	5
Representações discursivas do leitor brasileiro contemporâneo: uma análise de revistas populares femininas Clarissa Neves Conti	9
A não-leitura como prática constitutiva do leitor contemporâneo Rafael Ribeiro dos Santos Borges	21
A leitura e suas representações contemporâneas: análise de campanhas em prol dessa prática disponíveis no youtube Simone Garavello Varella	29
O leitor pensado a partir de sua prática de leitura – as crônicas do <i>Correio Paulistano</i> na década de 1850 Débora Cristina Ferreira Garcia	37
Leitor mirim: projeções discursivas do leitor de “Folhinha” Ana Luiza Menezes Baldin	49
Representações discursivas dos leitores mirins em revistas infanto-juvenis: análise do emprego de perguntas retóricas Giovana Nicolini Milozo	61
O que dizem os novos leitores de Machado de Assis sobre a leitura desse autor em blogs Pedro Ivo Silveira Andretta	71

## APRESENTAÇÃO

### A LEITURA NA ATUALIDADE: NOSSAS PRÁTICAS E SUAS REPRESENTAÇÕES SOCIOCULTURAIS

Os textos que compõem esse número da Revista Versão Beta são oriundos de um trabalho coletivo de discussões e leituras acerca das práticas de leitura na atualidade.

Representam os resultados iniciais do trabalho de pesquisa em grupo realizado junto ao LIRE – Laboratório de estudos Interdisciplinares das Representações do Leitor brasileiro contemporâneo. Este grupo de estudos foi criado em setembro de 2009, e registrado junto ao CNPq em 2010. Desde então seus pesquisadores se dedicam à análise de representações discursivas do leitor brasileiro contemporâneo, em especial do leitor popular, contribuindo assim para a pesquisa coletiva intitulada *“Práticas de escrita e representações de leitura: a construção discursiva do novo leitor na mídia”*, com apoio FAPESP (processo 2010/16139-0), na qual se inscrevem uma série de projetos desenvolvidos em nível de Trabalho de Conclusão de Curso, Iniciação Científica, Iniciação à Docência, Mestrado, Doutorado e Pós-doutorado, contando, em sua maioria, com bolsas de apoio CNPq, CAPES e FAPESP.

Encontram-se reunidos aqui textos que apresentam resultados finais ou parciais de algumas dessas pesquisas, concluídas ou em andamento, cujo objetivo comum é o de levantar e descrever representações discursivas de práticas de leitura contemporâneas, tomando como objeto textos de gênero, origem e circulação diversos produzidos na atualidade (livros, revistas, jornais, web, publicidades oficiais, livros didáticos, posts em redes sociais, entrevistas com leitores etc), voltados para comunidades leitoras

distintas. A apreensão dessas representações é feita com base na análise de textos que inscrevem, por meio de estratégias de escrita diversas, seu leitor pressuposto, e de entrevistas com diferentes comunidades de leitores sobre seus gestos e práticas de leitura. De posse desses corpora, buscamos confrontar as representações obtidas assinalando prováveis continuidades e/ou desconfinidades nas representações do leitor e da leitura do final do século XX aos dias de hoje, de maneira a esboçar um perfil atual do leitor brasileiro contemporâneo. São dois os tipos de fontes de pesquisa, de formas de constituição de *corpus*, de que nos valemos:

1. Do levantamento de textos e de objetos culturais de leitura, que apresentam uma série de indícios discursivos das representações de seus leitores (tais como usos das linguagens verbal e não-verbal, construções composicionais dos gêneros, formas de exploração do suporte etc.);
2. Da realização de entrevistas ou depoimentos de diferentes comunidades leitoras (obtidas por meio de questionários dirigidos ou abertos ou por meio do levantamento de declarações disponíveis em sites da internet), a fim de apreendermos as correspondências ou não de suas práticas em relação às representações discursivas desses leitores inscritas nos objetos culturais de que se apropriam.

As análises norteiam-se teoricamente pela análise de Discurso francesa, a partir dos trabalhos de Michel Pêcheux e seu grupo, assim como de Michel Foucault, e por postulados da História Cultural da Leitura, especialmente pelos princípios descritos por Roger Chartier. Essas duas perspectivas teóricas têm em comum sua preocupação em descrever as condições de produção da leitura e as coerções

que regulam essa prática e o imaginário sobre essa prática. Assim, a articulação desses dois campos de saber permite uma melhor abordagem, na análise dos indícios materiais dispostos nos mais diferentes objetos culturais relativos à leitura, de modo a permitir apreender as representações do leitor e de suas práticas contribuindo assim para um esboço e melhor compreensão do perfil do leitor brasileiro contemporâneo.

Tendo em vista nosso objetivo comum, seguem aqui alguns trabalhos que se ocupam do levantamento de traços dessas práticas de leitura da atualidade, discutindo os apagamentos e esquecimentos que normalmente frequentam os discursos e nosso imaginário coletivo acerca do que é ou deve ser a leitura, de quem são e de quem não são bons leitores.

Luzmara Curcino

Profa. do Departamento de Letras e do Programa de Pós-graduação em Linguística/UFSCar. Coordenadora e pesquisadora do *LIRE*.

#### REVISÃO TÉCNICA

Ana Luiza Menezes Baldin  
Clarissa Neves Conti  
Luzmara Curcino Ferreira  
Rafael Borges Ribeiro dos Santos  
Simone Garavello Varela

## O QUE DIZEM OS NOVOS LEITORES DE MACHADO DE ASSIS SOBRE A LEITURA DESSE AUTOR EM BLOGS

Pedro Ivo Silveira Andretta<sup>13</sup>  
Mestrando do PPGL/UFSCar  
andretta\_pedro@yahoo.com.br

Neste breve estudo procuramos descrever e compreender as representações do jovem leitor brasileiro, em especial daqueles que atuam, ao mesmo tempo, como novos leitores e (novos) críticos da obra de Machado de Assis. Desse modo, subsidiado pelo aporte teórico e metodológico da História Cultural mais precisamente pelos conceitos de “representação” e “novos leitores” tal como entendidos, respectivamente, por Roger Chartier e Jean Hébrard assim como pela Análise do Discurso no que diz respeito aos “procedimentos de coerção do discurso” preconizados por Michel Foucault, procuramos indícios sobre o modo como estes leitores se apresentam assim como as marcas das coerções que incidem sobre suas práticas de leitura e interpretação em alguns posts de blogs publicados nos últimos anos. Concluimos que a crítica negativa à Machado de Assis e sua obra é interdita, conforme a vontade de verdade convencionada pela academia que orienta sistematicamente o exercício crítico na emissão de

---

<sup>13</sup> Este trabalho é fruto das pesquisas que vimos desenvolvendo em nosso Mestrado sob a orientação da Profa Dra Luzmara Curcino, junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSCar. Inscreve-se, entre outros, no Projeto “Práticas de escrita e representações de leitura: a construção discursiva do novo leitor na mídia” (FAPESP, 2010/16139-0).

seus comentários, mesmo naqueles que se apresentam como exercício livre, subjetivo e informal de produção de comentários.

### A problemática e o instrumental teórico

É de conhecimento amplamente compartilhado que cada vez mais os brasileiros têm alcançado o acesso à internet, da mesma forma como vem crescendo a cada dia sua participação em redes sociais como *blogs*, *twitter*, *tumblr*, *facebook*, *skoop* entre outros. Nesse contexto, nesse breve estudo, produzido à luz das discussões do LIRE - Laboratório Interdisciplinar de estudos sobre as Representações do leitor brasileiro contemporâneo/ UFSCar, vamos procurar descrever e compreender como os leitores brasileiros exercitam sua leitura e atividade crítica ao comentarem a obras de Machado de Assis. Para tanto tomamos a noção de “novos leitores” tal como compreendido por Jean Hébrard:

[...] aqueles que, em seu grupo social de referência (família, estado, profissão, bairro, cidade, etc.), foram os primeiros a entrarem na cultura escrita sem terem herdado as ferramentas mentais ou capital cultural que normalmente subsidiam sua utilização. (HÉBRARD, 2004, p. 14)

Neste trabalho, considerando que pretendemos analisar as representações do leitor contemporâneo, é preciso enfatizar que ele se caracteriza por uma experiência bastante inusitada de exercício da leitura, frente às novas tecnologias de produção e de circulação de textos, e também de comentários acerca dos mesmos, diferentemente, por exemplo, de seus pais e avós. Nativos da cultura eletrônica e com seu próprio repertório sociocultural e tecnológico, estes

novos leitores da contemporaneidade leem obras de outra época, sociedade ou cultura, assumindo, por vezes, a posição de críticos amadores das mesmas. Assim, por meio de seus comentários, pela manifestação de opiniões acerca do que leram, é possível acessarmos algumas das representações contemporâneas que os leitores fazem deles mesmos e que frequentam seu imaginário acerca dos demais leitores.

Apoiados pelo aporte teórico e metodológico da Análise do Discurso e da História Cultural, que em comum abordam a leitura como um fenômeno discursivo e tomam como princípio que todo enunciado está sujeito a um sistema de restrições, de coerções quanto ao “quê” e ao “como” se pode e se deve enunciar e quanto ao “quê” e ao “como” se pode e se deve ler/interpretar, vamos expor nossa análise a partir da compreensão dos “procedimentos de coerção do discurso”, tal como preconizados por Michel Foucault (1996), para delimitar algumas “representações” do leitor contemporâneo, segundo designadas por Roger Chartier (2008), procurando observar, na mobilização de estratégias de escrita, indícios sobre como estes sujeitos se apresentam e sobre as coerções que incidem sobre sua leitura/intepretação.

Com o intuito de delimitar um arquivo tomaremos como *corpus* para nossa análise pequenos enunciados, provenientes de *posts* de *blogs*, em especial aqueles pessoais justificando que:

[...] os blogs pessoais parecem assumir, ainda, um importante papel na construção das identidades de suas autoras. A presença marcante de autodescrições é, também, um indicativo de como estes sites podem estar funcionando como espaços para suas autoras exercitarem a construção de suas identidades. (PRANGÉ, 2003, p. 81)

Ainda sobre o recorte metodológico convém dizer que foram selecionados *blogs* que guardam aquilo que podemos considerar de longe as mesmas condições de produção<sup>14</sup>: uma vez que todos eles não são específicos ou exclusivamente voltados para o exercício da crítica literária, nem o resultado de trabalhos escolares. Tratam-se de *posts* produzidos nos últimos quatro anos por jovens que não compartilham, ou ainda não dão a ver, uma formação acadêmica relacionada aos estudos literários, e que, no entanto, por meio dessas novas possibilidades de escrita oferecidas pela web 2.0, elaboram sua crítica ou ainda comentários, manifestando suas leituras de obras que não necessariamente lhes são contemporâneas, tais como obras de Machado de Assis, em especial, “Dom Casmurro”, “Memórias Póstumas de Brás Cubas” e “Quincas Borba”.

### Os novos leitores de Machado de Assis como críticos amadores

Considerando os procedimentos anteriormente mencionados, elencamos sete enunciados, nos quais, cada um a seu modo, expõe as diferentes coerções que atuam na recepção e produção dos discursos sobre as obras, sobre as práticas dos novos leitores de Machado de Assis, quando estes se colocam na posição de críticos amadores. Ao final, a partir da análise destas coerções vamos lançar olhares sobre as representações deste leitor. Passemos para os primeiros enunciados:

<sup>14</sup> Não nos pareceu possível no momento segmentar o material coletado por dados precisos dos responsáveis pelos *blogs*, o que inviabiliza determinar precisamente se temos um material produzido por um grupo homogêneo em termos socioculturais.

Ok, críticos literários do mundo todo vão me esculhambar, fãs de Machado de Assis me chamarão de herege, serei apontada na rua como doida, ignorada eternamente pelos mais conservadores e é provável que esteja cometendo suicídio social (ao menos na Internet) mas tenho que falar: Não suportei Dom Casmurro. Sei lá. Eu devo ser meio burra ou lerda ou ter um mau gosto incrível, mas simplesmente não consegui ver graça no livro [...]  
Mas é bem aquela coisa, pode ser que eu não tenha entendido o bendito do sentido por trás de tudo e esteja sendo bem estúpida. Vai saber.  
Enfim, é isso aí. Pra quem gosta de clássicos Dom Casmurro é perfeito: lento, chato e enfadonho (to até me repetindo: chato, enfadonho....). A história é bonitinha no início, mas cansa e parece que não acaba nunca.  
Por favor, tentem não acabar tanto comigo nos comentários, ok? [...]

Não vou dizer que adorei o livro, porque seria uma mentira. Talvez o livro não seja bom (duvido!) ou eu não estou madura suficiente para algo assim (o mais provável). [...] Para quem adora palavras rebuscadas, e é bastante culto (daqueles que conhecem bem qualquer poeta, historiador e mitologia, e que grava trechos de poesias ou de peças teatrais) o livro será bem agradável e até deleitável. Porém, para mim, em minha tenra idade de 18 anos e conhecimento que não chega aos pés de Machado de Assis, foi até um pouco (me perdoem, amantes de Machado) entediante. [...] Quando eu for mais velha, tiver percorrido primaveras e conhecimentos, o lerei novamente, para pura apreciação. Felizes são os jovens que conseguem compreender Machado, porque eu, ainda, não cheguei a essa fase. [...] <sup>15</sup>

Nesses fragmentos que comentam, respectivamente, a obra “Dom Casmurro” e “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, vemos que críticos amadores expõem uma mesma opinião: a leitura de Machado de Assis não foi uma experiência agradável, prazerosa. No primeiro enunciado a leitora dá a ver claramente que tem conhecimento sobre a

<sup>15</sup> Disponível em: <  
<http://pamelachris.blogspot.com.br/2011/11/memorias-postumas-de-bras-cubas-machado.html> > Acesso em 30 mar. 2011.

crítica oficial do legado machadiano e que o gosto erudito e dos conservadores sustentam o não gostar das obras machadianas como um pecado, loucura motivo para reclusão social, etc.; no segundo enunciado, não é claro se a leitora tem conhecimento sobre o que dizem os críticos literários sobre a obra machadiana, mas como vemos, é sustentado que o livro é mesmo bom, para as pessoas cultas.

Manifesta-se nesses enunciados a possibilidade de exclusão que indica as conseqüências do não gostar de ler Machado de Assis; e a interdição que inibe a crítica amadora a recusar as obras de Machado de Assis como boa literatura, defendendo-se com um argumento: “[...] pode ser que eu não tenha entendido o bendito do sentido por trás de tudo e esteja sendo bem estúpida.” e no outro caso “Talvez o livro não seja bom (duvido!) ou eu não estou madura suficiente para algo assim (o mais provável)”. Deste modo, o novo leitor, na posição de crítico amador, pode hipotética e graças às novas tecnologias dizer tudo o que pensa sobre a obra de Machado de Assis, opinar sobre ela, tornar pública essa sua opinião, no entanto ele se cerca de cuidados e ressalvas para não criticar diretamente o escritor e sua obra, para não ferir as opiniões críticas validadas culturalmente, neste caso então, convém de algum modo dizer algo como “o problema deste texto é seu leitor”.

Sigamos para outros fragmentos de comentários críticos, nos quais os leitores expõem seu gosto e admiração pela obra de Machado de Assis:

Terminei *Dom Casmurro*!!!

Agora sim eu sou um ser humano de verdade, e não apenas mais um desperdício de oxigênio!!!

Eeeee!!!

Minhas reflexões acerca do livro:

Gostei.

Mas, enfim. Eu gosto de Machado de Assis. Eu gosto das ironias dele, das reflexões sobre o homem que ele deixa implícito, de toda a análise psicológica, e eu adoro a metalinguagem (Kundera faz isto também). [...] (Ok, ok. Opinião de leiga, mas é a minha opinião.) [...] <sup>16</sup>

Eu sempre espero muito de Machado de Assis e foi com expectativas inflacionadas que me lancei a leitura de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, livro que é considerado a obra inaugural do realismo na Literatura Brasileira, mas não adianta, por mais altas que sejam as expectativas Machado de Assis nunca me decepçiona, nunca. [...] <sup>17</sup>

No primeiro enunciado vemos que ler Machado de Assis, ou ainda gostar de sua obra “*Dom Casmurro*” é motivo de orgulho, de conquista pessoal; no segundo enunciado, temos a que a leitora se lançou à leitura de “*Memória Póstumas de Brás Cubas*” com “expectativas inflacionadas”, isto é com grande e boa expectativa, provavelmente por que ouviu ou leu muito sobre a obra, tal como confirma apresentando dados externos e contextuais da obra. Em ambos os enunciados é comum a sugestão que o leitor que lê e gosta de Machado de Assis, o lê por alguma motivação externa que diz: Machado de Assis é bom!

Nesses comentários sobre a obra machadiana, o novo leitor se vê obrigado, de algum modo, a recorrer a um discurso próprio dos acadêmicos e estudiosos de literatura; por isso não basta apenas dizer “gostei”, é preciso, para que o crítico amador exerça sua vontade de verdade, assumir, ainda que de maneira bem abreviada, alguns elementos próprios da crítica profissional como: a análise psicológica, a forma da linguagem, o contexto literário, a comparação. As

<sup>16</sup> Disponível em: < <http://insensatopensamento.blogspot.com.br/2008/09/dom-casmurro.html> > Acesso em 30 mar. 2011.

<sup>17</sup> Disponível em: < <http://www.bibliophile.com.br/?p=1765> > Acesso em 30 mar. 2011.



retomadas desses elementos não só cumprem a função de validar seu texto como crítico amador, como também sustenta uma imagem positiva do crítico: bom leitor e conhecedor da cultura literária.

Temos abaixo uma série de enunciados que assim como os anteriores retomam traços da crítica literária legitimada.

[...]Na contramão dos meus próprios preconceitos – sou obrigada a admitir – o romance traz uma linguagem bem acessível, de personagens cativantes e leitura fluida. Uma história com todas as características mais marcantes – pessimismo, ironia, senso de humor soturno – daquela que é conhecida como a segunda fase do escritor. E o estilo de narração é genial! Assumindo a posição de um escritor/narrador Machado de Assis faz comentários, externa opiniões, dirige-se diretamente ao leitor, uma manipulação que fez com que eu me sentisse, de certa forma, parte da história, uma leitora-personagem ou algo parecido [...]  
Não vou me meter a “análises” mais profundas, a importância do escritor e de sua obra me inibem e eu me sinto incapaz para tanto. Só vou dizer uma coisa, quando termino a leitura de um romance deste nível sempre me pergunto: por que demoro tanto para ter a “coragem” de encarar um clássico? Nunca me arrependo quando o faço. [...] <sup>18</sup>

Hey peeps!  
Mais uma vez o Desafio Literário 2011 me põe diante de um grande desafio, literalmente: como falar de Machado de Assis sem ser repetitiva? Como resenhar Dom Casmurro, um livro que já foi lido, relido, descrito em verso e prosa, virou filme, minissérie e peça de teatro e ainda sim conseguir inovar. Impossível!  
Acho que não tem uma criatura que goste de ler e que não conheça a história de Bentinho e Capitu. [...]Se você ainda não leu Dom Casmurro (#choquei), acredite, não sabe o que está perdendo. É um clássico maravilhoso de se ler, a escrita do Machado é uma delícia. [...] <sup>19</sup>

<sup>18</sup> Disponível em: < <http://lumakimura.net/blog/2011/livro-quincas-borba-de-machado-de-assis/> > Acesso em 30 mar. 2011.

<sup>19</sup> Disponível em: < <http://ninattavares.blogspot.com.br/2011/08/dom-casmurro-machado-de-assis.html> > Acesso em 30 mar. 2011.

Estou adiando essa resenha... Falar de Machado de Assis é uma puta resposta..

Afeee(respirando fundo).

Por onde eu começo?

Talvez algumas pessoas achem difícil se apaixonarem pela história de Bentinho, por que, fundamentalmente, a narrativa é destituída de emoção. Essa é umas das características do Realismo do século XIX, o caráter racional e analítico das situações que tanto encanta em Machado de Assis, e as constantes saídas da história para incrementos filosóficos pontuam o mais celebrado romance do autor. [...]

Mais uma vez, muito bom dividir com vocês um dos meus dez livros preferidos! <sup>20</sup>

Nesses enunciados temos novamente agindo nos comentários dos leitores “leigos”, amadores, coerções de diversas ordens que inibem o leitor sobre “o que dizer” acerca do que leu e de como o fez, tais como destacar a importância do escritor e da obra no cenário nacional e internacional; referir-se a outros comentaristas e a seus comentários produzidos em diferentes gêneros discursivos; anunciar os riscos e a responsabilidade de comentar tais obras.

A partir do que apresentamos podemos concluir que esses novos leitores, quando se colocam na posição de críticos amadores em *blogs*, detêm por um lado uma liberdade de expressão linguística, que lhes permite usar uma linguagem mais informal, próxima da oralidade, em função da circulação, sem cerimônias ou sem o crivo institucional, de seus comentários na web. Entretanto, essa liberdade é relativa uma vez que eles são submetidos a diversos procedimentos discursivos de coerção, que os inibem a criticar Machado de Assis e sua obra, assim como os obrigam a seguir um ritual de retomar a crítica

<sup>20</sup> Disponível em: < <http://mandafala.blogspot.com.br/2010/05/dom-casmurro.html> > Acesso em 30 mar. 2011.

profissional em seu texto para validar seus posicionamentos. Desse modo, o novo leitor de Machado de Assis compreende que o legado do escritor carioca é de grande importância e sua leitura carrega algo que pode legitimá-lo enquanto leitor, ao mesmo tempo que o obriga a retomar um modelo de enunciação próprio dos moldes profissionais da crítica oficial, o que por extensão tem como consequência constituir uma imagem social/virtual positiva.

### Algumas breves considerações

Procuramos demonstrar nesse breve estudo que o leitor contemporâneo de Machado de Assis, apesar da liberdade oferecida pelos recursos de escrita dos *blogs*, sofre coerções do discurso, tal como descritas na Análise do Discurso, e das quais abordamos muito rapidamente o impacto da memória social e dos discursos já validados socialmente orientando as condições de produção dos comentários atuais, sobre os textos do autor em questão. Desse modo, como demonstrado, há uma interdição que inibe uma crítica negativa, tanto do autor quanto de sua obra, sendo que quando este leitor o faz, reconhece que essa apreciação pode ser em função de limitações dele como leitor, de modo a tentar amenizar as sanções que poder vir a sofrer como de exclusão ou rejeição, instituindo para esse novo leitor/comentador uma vontade de verdade convencionalizada pela academia e que orienta sistematicamente seu exercício crítico na emissão de seus comentários. Afinal, todo leitor não apenas lê o que deseja, nem como deseja. Ele o faz como lhe é possível, lhe é autorizado.

### Referências

- CHARTIER, R. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1998.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2008. 236 p. (Coleção campo teórico)
- HÉBRARD, J. Pode-se fazer uma história das práticas populares de leitura na Época Moderna? Os "novos leitores" revisitados. In: Seminário Brasileiro Sobre o Livro e História Editorial, I, Rio de Janeiro: UFF/PPGCOM – UFF/LIHED, 2004.
- PECHEUX, M. *Semântica e discurso: uma criação a afirmação do obvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: UNICAMP, 2009.
- PIMENTEL, C. Linguagem da Internet. Como escrevem os adolescentes em seus blogs. In: X Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, 2011, Algarve - Portugal. X CAIL. Algarve - Portugal : Associação Internacional de Lusitanistas, 2011.
- POSSENTI, S. "Sobre a leitura: o que diz a Análise do Discurso?" In: MARINHO, Marildes (Org.). *Ler e navegar: Espaços e percursos da leitura*. Campinas: Mercado de Letras-ALB, 2001, p. 19-30.
- PRANGE, A. P. L. *Da literatura aos blogs: um passeio pelo território da escrita de si*. 2003. 143 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - PUC-RIO. Rio de Janeiro.